

# Centrofrenias e centrofobias

Quem poderá unir o País em torno de uma plataforma exequível, moderna e moderada?

\*Eugênio Bucci, O Estado de S.Paulo

04 Janeiro 2018 | 03h09

Entre delírios e sandices, há uma nota de sensatez neste início de ano: o centro está no centro. Melhor dizendo, a preocupação com uma saída política que, mais do que evitar, consiga ultrapassar os extremismos adquiriu razoável centralidade no debate nacional. É claro que no meio disso, como seria natural, afloram os mais exaltados, os centrofrenicos, que, embora se pretendam de centro, não conseguem dialogar (a centrofrenia é um oxímoro de centro). Mas mesmo eles reforçam a tendência a que se abram trilhas na direção de um “caminho do meio” para o impasse brasileiro.

Também existem – e não se recomenda desprezá-los – os que não podem ouvir falar em centro de jeito nenhum. São os centrofóbicos. Há centrofóbicos de esquerda e centrofóbicos de direita, embora os dois lados costumem valer-se da mesma retórica, ou de retóricas espelhadas, equivalentes. Para os centrofóbicos que se acreditam de esquerda, todo centro é de direita. Para os que se jactam de se afirmar de direita, o centro encarnaria a pusilanimidade ou mesmo a falta de caráter.

As variantes da centrofobia costumam se expressar em oratórias de mau gosto, como piadas involuntárias e desastrosas. Dia desses, um pré-candidato que se insinua viril para o eleitorado de esquerda deu a entender que propostas de centro pecam por não ter testosterona. Foi uma gafe descomunal, sobretudo porque dirigida contra uma mulher. Já os fascistas da era digital, viúvos da repressão política, primam em ver nas manifestações de centro nada menos que comunas em pele de cordeiro.

Deixemos de lado uns e outros. No fim das contas, também eles, ao reagir com tanta fúria contra a procura de uma saída de centro, não deixam de confirmar que, por baixo do alarido das polarizações mais histriônicas, o centro está no centro da pauta.

A resultante dessas correntezas que convergem, em seus fluxos caóticos, para tentativas desconjuntadas de encontrar soluções de centro é uma interrogação que a todos intriga e a quase todos paralisa: quem representa o centro? Em termos mais pragmáticos: qual o nome que poderia empolgar o eleitorado já exaurido com um programa que não padeça dos radicalismos encerrados em suas próprias doutrinas, infrutíferos e estéreis? Que personagem terá o condão de unir o País em torno de uma plataforma exequível, moderna e moderada?

O adjetivo “moderada” não aparece aqui para fazer mera figuração. Numa sociedade que já convive com

policiais civis e militares, o valor da moderação desponta como um pilar essencial, ao lado da prudência e da capacidade para o diálogo. Essas virtudes tipicamente de centro podem entrar em alta em 2018, se o Brasil não quiser embarcar no anacronismo dos extremismos.

A ser verdadeira a hipótese, é bem possível que mesmo os postulantes mais esbravejantes se vejam impelidos a posar de centristas convictos. Com isso, o antigo axioma dos cientistas políticos de que a vitória eleitoral pertence aos que logram ocupar o centro voltará à cena. A mais recente inflexão dos discursos de Lula e de Bolsonaro é prova disso. Um e outro procuram ocupar o centro. O curioso é que, tanto para Lula quanto para Bolsonaro, a tarefa de parecer centrista exige deles que se qualifiquem como liberais na economia.

A tática de ambos, de reivindicar para si a mesma bandeira liberal, seria contraditória e patética se não fosse apenas lógica e necessária – e, também ela, a tática eleitoral dos dois, confirma que o centro vem ganhando centralidade. Ao procurar passar a imagem de que são defensores da economia de mercado, de que não professam cartilhas nacionalistas ou estatizantes, tanto Lula como Bolsonaro percebem que, para ganhar o centro, precisam jurar que são a favor da livre-iniciativa e da livre concorrência – uma ideia, um princípio ou um regime que faz parte do receituário de centro.

Por um caminho ou por outro, o que já vai ficando suficientemente claro é que, sem uma alternativa ao centro, o processo eleitoral será mais estreito, mais violento e bem menos inteligente. O grau de reflexão e o cardápio de escolha aberto aos eleitores serão mais ralos. O pleito será pior. Um bom candidato de centro pode até não se sagrar vencedor ao final, mas qualificará as discussões e elevará o nível clareza das propostas.

Ao que voltamos à mesma interrogação: qual seria essa candidatura? Até agora não sabemos se as siglas partidárias disponíveis terão a grandeza necessária para sacrificar interesses imediatos em prol de uma aliança menos oportunista. Não sabemos se terão capacidade para forjar uma solução menos óbvia, menos rasteira.

Compreende-se a dificuldade. Costurar uma chapa nesses moldes requer um patamar de elaboração e de articulação mais complexo do que as agremiações baseadas em cultos irracionais – e um tanto primários, ou mesmo primitivos – de personalidades mais ou menos salvacionistas. Os indícios de que o centro está no centro da pauta, que são numerosos e convincentes, sinalizam uma provável inclinação da esfera pública a adotar um caminho sem extremismos – só o que falta é uma resposta partidária que dê concretude e viabilidade a esse caminho. O tempo é curto e, até aqui, os agentes que poderiam assumir o encargo apenas batem cabeça. Será que os partidos políticos que aí estão vão fracassar também nisso?

Uma lembrança talvez ajude os dirigentes empenhados nessa empreitada. O centro, na política presente, não se define como um ponto equidistante, e passivo, entre as duas pontas do espectro ideológico, mas como um enfeixamento que se alimenta do que é contraditório para apresentar não uma síntese conclusiva, não um ponto de chegada, mas um ponto de saída, a partir do qual o presente se desarme e o futuro possa respirar.

\*Jornalista, é professor da ECA-USP

Mais conteúdo sobre:

[Espaço Aberto](#)

[Eugênio Bucci](#)

[Eleições 2018](#)

[O Estado de S. Paulo](#)

[Brasil \[América do Sul\]](#)

Encontrou algum erro? [Entre em contato](#)

PUBLICIDADE

Você leu **4** de **5** textos

assinatura  
a partir de **R\$1,90\*** [Assine Agora >](#)

Já é assinante? [Entre aqui](#)

SIGA O ESTADÃO

# Desemprego diminui, mas ainda preocupa

Ainda há 12,4 milhões de trabalhadores em busca de alguma atividade remunerada

O Estado de S.Paulo

01 Dezembro 2018 | 04h00

O mercado de trabalho já superou a fase mais aguda de sua crise, mas o quadro ainda preocupa. Embora a taxa de desocupação no trimestre móvel agosto-outubro, de 11,7%, tenha sido menor do que a de igual período do ano passado (de 12,2%) e a do trimestre móvel anterior (de 12,3%), ela mostra que ainda há 12,4 milhões de trabalhadores em busca de alguma atividade remunerada.

Além da persistência de um número muito grande de pessoas que procuram, mas não encontram uma ocupação remunerada, o mercado de trabalho continua a perder qualidade. Há cada vez mais trabalhadores informais ou por conta própria. E ainda há um grande contingente de trabalhadores

subutilizados e de pessoas desalentadas, isto é, que estão fora da força de trabalho, mas que, se tivessem conseguido algum trabalho, estariam disponíveis para assumir a vaga.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua referente ao trimestre móvel encerrado em outubro, elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrou que a população desocupada caiu 4,0% em relação ao trimestre de maio a julho de 2018 e 3,1% na comparação com igual período do ano passado.

Em contrapartida, aumentou a população ocupada, atualmente de 92,9 milhões de trabalhadores, número 1,4% maior do que o do trimestre anterior e 1,5% maior do que o de um ano antes. É uma informação animadora. Mas ela deve ser vista com alguma ressalva. O aumento decorre principalmente da abertura de postos de trabalho sem qualidade.

“Basicamente, quem entrou no mercado de trabalho agora é para ocupar emprego sem carteira ou para trabalho por conta própria”, observou o coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE, Cimar Azevedo. O trabalho por conta própria geralmente é um “bico”. Como não há recuperação do emprego com carteira assinada, que oferece em geral salários e condições de trabalho melhores, “isso tudo está remetendo a um quadro de precarização do mercado de trabalho”, completa Azevedo.

A população subutilizada da força de trabalho – formada pelos desocupados, pelos trabalhadores que têm jornada menor, mas que estariam dispostos a trabalhar mais, e pela força de trabalho potencial – somou 27,2 milhões de pessoas. O número de desalentados chegou a 4,7 milhões de pessoas.

Mais conteúdo sobre:

[Editorial Econômico](#)

[economia](#)

Encontrou algum erro? [Entre em contato](#)

## SIGA O ESTADÃO

### Cupons Estadão

PUBLICIDADE

#### **Cupom Americanas**

Até 10% de desconto em Smartphones!

#### **Descontos Submarino**

Notebooks com até 25% de desconto!

#### **Promoção Casas Bahia**

Até 35% de desconto em Smart TVs

PUBLICIDADE